

## **“FOI UMA OPORTUNIDADE QUE EU TIVE!”: NARRATIVAS JUVENIS SOBRE O PROJovem URBANO.**

Natália Ilka Morais Nascimento – Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC. Pesquisadora do Laboratório das Juventudes – LAJUS/UFC.

### **1. Introdução**

O Programa Nacional de Inclusão de Jovens - Projovem foi criado pelo governo federal em sua versão original em 2005 no contexto de construção da Política Nacional de Juventude. Nesse momento, também foram criados o Conselho Nacional de Juventude e a Secretaria Nacional de Juventude, órgão inicialmente responsável pela execução do Projovem. Em 2008, o Programa passou a ser denominado Projovem Urbano e sofreu alterações de formato, mantendo como objetivos a elevação da escolaridade, a qualificação profissional, a inclusão digital e a promoção de ações comunitárias de intervenção local. O público passou a ser jovens com idades entre 18 e 29 anos e que não tenham concluído o Ensino Fundamental, basta que seja alfabetizado. Aos alunos matriculados e com participação efetiva no Programa, é concedido um auxílio financeiro mensal no valor de R\$ 100,00.

O objetivo da presente pesquisa é analisar as concepções simbólicas que permeiam as narrativas de jovens sobre sua participação no Projovem Urbano em Fortaleza. Visa compreender os significados dessa participação para os próprios atores sociais por meio da apreensão das noções de “oportunidade”, “interesse” e “mudança de vida” que fazem parte dos relatos de jovens, educadores e coordenadores do Projovem Urbano. A análise dessas categorias nativas levou a uma reflexão sobre as trajetórias sociais desses jovens e os sentidos atribuídos aos caminhos escolhidos. Ademais, problematiza a relação dos jovens alunos do programa com a escola regular e com o próprio Projovem Urbano. As informações utilizadas para a elaboração deste trabalho são fruto da pesquisa desenvolvida no âmbito do curso mestrado em sociologia e possui o financiamento da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.

A abordagem metodológica usada foi qualitativa por meio da observação participante e utilizando como técnicas de coleta de dados o diário de campo e a realização de entrevistas semi-estruturadas e grupos focais. Os atores sociais interlocutores da pesquisa foram jovens alunos e ex-alunos, educadores e membros da coordenação municipal. Entrevistados em momentos diferentes de sua participação, todos destacaram que o Projovem foi uma oportunidade em suas vidas, sendo representado por uma das interlocutoras como um “refúgio”, mas para a maioria constituiu-se como uma ajuda financeira importante e uma possibilidade de prosseguir estudando e conquistar um emprego “melhor”. Dessa forma, foi possível perceber entre os interlocutores da pesquisa a permanência da crença de que a escolarização pode garantir que tenham oportunidades de ascensão social e a categoria nativa que representa essa asserção é “mudança de vida”.

A relevância do estudo evidencia-se pela crescente participação dos jovens dos segmentos populares em projetos sociais e a necessidade de compreender os significados dessa participação, sendo o Projovem Urbano o programa com maior público e capilaridade em nível local.

## **2. Concepções sobre o ser jovem no Projovem Urbano**

Para falar do ingresso e participação dos jovens no Projovem Urbano é importante situar que em relação à escola regular, é possível afirmar que essa instituição trata os jovens meramente como alunos e não busca incorporar à sua cultura as condutas e manifestações valorizadas pelo ser jovem. Camacho pondera que se pode falar inclusive em uma invisibilidade da juventude na vida escolar (2004). Segundo a autora, não considerar seus alunos como sujeitos jovens impossibilita que a escola ofereça um tratamento adequado, o que por sua vez tem como impactos “a desinstitucionalização da condição juvenil<sup>1</sup>, a dificuldade dos alunos na construção da sua identificação com a escola e a ruptura da comunicação entre jovens alunos e educadores” (CAMACHO, 2004, p. 325).

---

<sup>11</sup> Sobre a desinstitucionalização da condição juvenil ver Dubet (1998); Abad (2003) e Sposito (2005).

Contudo, de acordo com sua proposta pedagógica, o Programa Projovem Urbano se propõe a não seguir essa tendência. A discussão sobre a noção de juventude e suas implicações para a prática pedagógica e a organização dos espaços e tempos do Programa aparece em diversos documentos oficiais e discursos dos diversos atores que o compõem, desde gestores, formadores de educadores a acadêmicos colaboradores e formuladores. A construção dessa noção é permeada pelo acúmulo de debates e elaborações sobre o ser jovem e as políticas a ele direcionadas tanto por parte da sociologia como de outros campos do conhecimento como a antropologia, a educação e a psicologia.

Não há um consenso entre os diversos campos do conhecimento, bem como, não existe uma interpretação única do que seja a juventude no Projovem Urbano, pois esse conceito está imerso em uma disputa pelas classificações dentro e fora do campo das políticas públicas de juventude (CASTRO, 2011; NOVAES, 2011). Contudo, os documentos do Programa que abordam a situação dos jovens brasileiros e os discursos dos atores que constituem o Programa têm em comum a argumentação da especificidade da condição juvenil na contemporaneidade que demanda políticas públicas próprias.

Segundo Novaes (2008), muitas vezes a juventude é considerada como uma fase natural da vida, sendo um segmento da população definido e universal. O Programa demonstra não compartilhar dessa concepção e no seu Projeto Pedagógico Integrado - PPI, a juventude aparece como “uma noção que expressa sentidos culturais diversos e cambiantes, ao longo da História” (SALGADO, 2008, p. 151). Desta forma, tem por premissa que

[...] os limites etários e as características de cada uma das “idades da vida” são produtos históricos, resultados de dinâmicas sociais mutantes e de constantes (re) invenções culturais. Em cada tempo e lugar, diferentes grupos e sociedades definem o que é “ser jovem” e o que esperar de suas juventudes (NOVAES, 2008, p. 42).

No Projovem Urbano, os jovens são concebidos como cidadãos com direitos e deveres específicos que devem ser reconhecidos e a juventude é considerada uma “fase singular da vida” (SALGADO, 2008, p. 151). Essa noção se propõe a ser uma contraposição à

[...] concepção da sociedade ocidental moderna, que considera a etapa da juventude como um tempo de “moratória social”, de passagem entre a infância e o mundo adulto e, portanto, de preparação para a inserção no

mercado de trabalho e para a constituição de nova família (SALGADO, 2008, p. 151).

A concepção moderna de juventude surgiu em meio às transformações vivenciadas a partir do século XVIII e concretizadas após a Segunda Guerra Mundial tornando a escolarização um elemento central da condição juvenil, bem como, o retardamento do ingresso no mercado de trabalho foi considerado o percurso ideal que garantiria uma “boa” transição para o mundo adulto. Ser jovem estava relacionado à condição de ser estudante. Contudo, a experiência de ser exclusivamente um aluno não foi compartilhada por todos os jovens. Esse processo linear de passagem entre juventude e idade adulta não foi e não é vivido por “amplos contingentes juvenis de famílias pobres [que] deixaram e deixam a escola para se incorporar precariamente ao mercado de trabalho informal e/ou experimentar desocupação prolongada” (SALGADO, 2008, p. 55). De um lado, pequenas minorias puderam e podem ainda hoje viver a “moratória social” idealizada, e por outro, a grande maioria dos jovens começa a trabalhar precocemente, tendo sua infância encurtada, antecipando a idade adulta.

Ainda assim, prevalece um padrão idealizado de passagem para a vida adulta que pressupõe uma sequência linear e previsível de eventos: saída da escola > entrada no mercado de trabalho > casamento > filhos. Contudo, podemos dizer que este padrão – cada vez mais – tem sido questionado pela realidade dos jovens de hoje fazendo com que se reconheçam outras fronteiras nesta passagem (NOVAES, 2008, p. 45).

Os jovens que participaram do Programa ou estariam no perfil para ingressar, em geral, não seguem esse padrão de passagem para a idade adulta idealizado socialmente. Suas trajetórias são marcadas pela descontinuidade no percurso escolar, inserção precoce e precária no mundo do trabalho, casamento e gravidez na adolescência. Em muitos casos, além dessas situações, há o envolvimento com atividades ilícitas.

Como problematiza Regina Novaes (2008), por serem jovens pobres e moradores das periferias dos grandes centros urbanos, não raro são vistos pelo prisma do pessimismo, sendo considerados potencialmente perigosos e sempre vistos como

suspeitos<sup>2</sup>. Neste sentido, para a referida autora, o papel do Projovem Urbano também seria subverter os estereótipos e estigmas que pesam sobre esses jovens.

O modo com essas formulações e concepções aparece no cotidiano do Projovem de Fortaleza são distintos. Há diversas leituras sobre a juventude tanto entre os próprios jovens como em meio aos profissionais que atuam no Programa. Concepções simbólicas estão em disputa e busca-se construir consensos parciais que norteiem a prática pedagógica, no caso dos educadores, e as atitudes e escolhas da vida, no caso dos jovens. Nesse sentido, entram em cena diversos diálogos, formações e reuniões que acontecem ao longo dos 18 meses de duração das turmas do Projovem tendo como eixo a construção de um olhar sobre a juventude. Da mesma forma, há aprendizados que ocorrem informalmente por meio da relação que é estabelecida entre os agentes, o que nem sempre ocorre sem algum tipo de conflito como demonstra o relato a seguir.

[...] apesar de trabalhar com educadores, porque era educação básica, muitas vezes vinham com aqueles mesmos estigmas, que só professores do ensino regular mesmo, mas a gente, graças a Deus, assim, nas equipes que eu passei nos núcleos consegui mostrar pra esses educadores que a sala de aula, que aqueles alunos, eles mereciam muito mais do que aquele olhar que diz ‘vai pra fora, sai, vão’... Uns colocam: “vamos expulsar!” Porque eles [jovens] já vinham com estes estigmas, eles estavam ali justamente porque eles não tiveram oportunidades. Então qualquer coisa pra eles [professores] seria vamos expulsar (educadora da participação cidadã em grupo focal, agosto de 2011).

A própria construção da ideia de que o Projovem é um Programa de “inclusão social” e as implicações disso para o cotidiano de trabalho dos profissionais foi processual e contou com a atuação de diversos agentes. Um dos desdobramentos é a construção da noção de que os jovens participantes são “excluídos”. Essa questão é bastante presente não apenas nas falas dos profissionais como dos alunos. Assim, o Projovem é representado como

[...] um Programa que vinha incluir os excluídos desse sistema regular de ensino porque enquanto professora temporária a gente percebia o quanto esses alunos eles são excluídos, eles são excluídos porque eles são estigmatizados, porque eles não prestam, porque eles bagunçam, porque eles são isso, porque eles são aquilo. Enquanto que muitas vezes a gente percebe

---

<sup>2</sup> Em seu texto “Sobre a construção social do crime no Brasil – Esboços de uma interpretação”, Michel Misse trabalha com a categoria “sujeição criminal” para refletir que “são selecionados preventivamente os supostos sujeitos que irão compor um *tipo social* cujo caráter é socialmente considerado ‘propenso a cometer um crime’” (s/d, p. 01).

que um aluno daquele precisa que a gente escute, que a gente conquiste e aí a gente vai ter um olhar diferenciado, e o Programa veio proporcionar isso (educadora da participação cidadã em grupo focal, agosto de 2011).

Por um lado, a classificação “jovem excluído” é mobilizada pelos agentes para dar conta de uma série de características da vida dos jovens que participaram do Programa como sua saída ou expulsão da rede de ensino regular ou o não acesso aos direitos básicos de cidadania. Por outro lado, pode denotar a visão de que “ser excluído” é um atributo inerente a esses jovens<sup>3</sup>. Desta forma, o jovem é visto como alguém que necessita de ajuda e precisa ser formado para exercer sua cidadania para poder assim incluir-se. Um educador, por exemplo, ao justificar a necessidade de uma atuação diferenciada junto a esses jovens, afirma que são “alunos que são usuários de drogas, com problemas na família, que já abandonaram a escola regular por gravidez, drogas e outros problemas”<sup>4</sup>. Neste e em inúmeros relatos, os jovens são representados como sujeitos “excluídos” que precisam mudar o rumo de suas vidas, suas trajetórias. Afastar-se do caminho errado e enveredar pelo caminho certo, o da inclusão social. Tornar-se um cidadão. Essa transformação ocorreria por meio de uma decisão do próprio jovem e da atuação dos educadores por meio de uma educação diferenciada.

Por meio do relato de Igor, um dos jovens interlocutores, podemos inferir que os “problemas” da juventude, constituem-se como marcas em suas vidas.

São pessoas que enfrentaram os mesmos problemas, iguais ou parecidos, ou até maiores que os outros e que tão realmente querendo escrever uma nova página na sua vida, tão querendo dar a volta por cima, tão querendo reparar o erro onde erraram, tão querendo tirar a pedra do caminho que muitas das vezes deixaram de caminhar por causa dessa pedra e os alunos que tão hoje no Projovem, são alunos que realmente pararam para pensar em tudo que já fizeram de errado e tão querendo realmente voltar no tempo e não mais perder tempo, ou melhor, que a gente não recupera o tempo perdido, a gente não pode mais é deixar de perder tempo, eu acho que eu terminaria assim, a gente não vai perder tempo nem ganhar o tempo que já perdeu, a gente vai simplesmente parar de perder tempo (Igor, ex-aluno, entrevista em profundidade, agosto de 2010).

---

<sup>3</sup> No campo da sociologia, José de Sousa Martins problematiza que o tema da exclusão social se insere num conjunto de “categorizações imprecisas” que buscam determinar “aspectos problemáticos da sociedade” (2008, p. 25). Para o autor, dessa discussão passou-se à denominação “excluído”, tratada como um atributo dos sujeitos. No entanto, “a categoria ‘excluído’ não é verificável na prática, na vivência dos chamados ‘excluídos’”, pois em geral, não faz parte da “*consciência social das próprias vítimas*” (2008, p. 25). Neste sentido, para Martins (2008), o papel do sociólogo seria “compreender os encontros e desencontros que há entre *situação social* e *consciência social*” (p. 26).

<sup>4</sup> Relato em grupo focal com professores da educação básica do Programa Projovem Urbano, 05/08/2011.

Essas marcas são consideradas, muitas vezes, como características de uma vida “desestruturada”. Em um dos casos exemplares contados pelos educadores, uma jovem foi representada como diferente por ainda morar com os pais e não necessitar do auxílio financeiro concedido pelo Programa para ajudar no sustento de sua casa. Ao longo dos dezoito meses de duração do Projovem, sua qualificação profissional era no arco de turismo e utilizou a bolsa para pagar a mensalidade de um curso de línguas. Hoje, ela fala inglês fluentemente,

[...] tem um bebê, é casada, trabalha lá no hotel [na beira-mar] e tem uma vida toda estruturada a partir de um projeto de inclusão social onde ela teve uma visão, uma visão um pouco diferenciada, mas uma visão boa, onde ela hoje consegue estar ganhando, para um jovem que se quer ganhava um salário mínimo, ela hoje está num hotel que ganha mais de mil reais, aquilo para ela é um sonho que foi conquistado pelo projeto de inclusão social (educadora da participação cidadã em grupo focal, agosto de 2011).

Este relato nos ajuda a compreender uma das representações sobre os alunos do Programa. A concepção de que o jovem chega ao Projovem com a vida completamente “desestruturada” e o Programa de inclusão seria o meio pelo qual o jovem poderia ter uma vida “estruturada”. E os critérios implícitos do que é ter uma vida estruturada seriam a conclusão dos estudos, ter uma visão de futuro que visa adquirir independência e autonomia por meio do trabalho honesto e o casamento. Mas para isso, é preciso que o jovem tenha “interesse” em mudar de vida.

### **3. É preciso ter ‘interesse’: narrativas sobre o Projovem Urbano como uma ‘oportunidade’ de ‘mudança de vida’**

As narrativas dos interlocutores jovens sobre sua relação com a escola formal e os motivos do abandono oscilam entre o desinteresse em continuar os estudos, as dificuldades de aprendizagem e o desafio de conciliar estudos e trabalho. As interlocutoras, além de mencionar a falta de vontade ou a preguiça de estudar, também citaram a inexistência de apoio do pai e da mãe e as limitações de continuar estudando depois do casamento e do nascimento de filhos, devido a não aceitação do companheiro.

Neste ponto, é necessário distinguir desinteresse de indiferença. Para Bourdieu, “a noção de interesse opõe-se à de desinteresse, mas também à de indiferença” (2011, p. 140), no sentido de que o indiferente não reconhece o que “está em jogo” (2011, p. 140). As narrativas juvenis não nos remetem à indiferença, pois em nenhuma das falas, a importância e necessidade de concluir os estudos foram questionadas, evidenciando

sua crença no jogo. Assim, apesar do abandono, a escolarização é representada pelos jovens como o meio pelo qual poderão mudar a si mesmos e suas vidas, e nesse sentido, após terem passado vários anos afastados da escola, concebem o Projovem como a possibilidade dessa mudança. Um dos interlocutores afirmou ver o

[...] Projovem como [uma] oportunidade única; e eu só tenho que dizer coisas boas do PJU. Porque o PJU, ele abriu minha cabeça; a pessoa que eu sou hoje, eu tenho 26 anos de idade, a pessoa que eu sou hoje, quem me conheceu antigamente – “é não, não é ele não”; porque realmente eu mudei; eu mudei totalmente; eu fui até o final; eu conclui o PJU (Gustavo, ex-aluno, grupo focal, 26 anos).

A desistência e o abandono da escola, vistos como “desinteresse”, são entendidos pelos jovens como “perca de tempo” e aparecem de forma distanciada, localizada no passado. O Projovem destaca-se em suas intervenções como o meio pelo qual recuperaram seu “interesse”, a oportunidade que tiveram de recuperar esse “tempo perdido”. Do mesmo modo, o que consideram como atributos relacionados ao ser jovem são desvalorizados em suas falas, relacionando a juventude à fase da vida ligada à irresponsabilidade e a “não querer nada na vida”, o contrário do “ter interesse”. Algumas experiências e vivências da condição juvenil foram consideradas “perca de tempo”.

[...] eu tive uma fase na minha vida que eu não me interessei, aquela fase de juventude; eu só queria brincar, trocar a aula por futebol, trocar a aula por vídeo-game, aula por cerveja, tal aquele negócio todo de brincar, curtir, curtidão de jovem mesmo; então eu perdi muito tempo com isso, né; e aí eu deixei de estudar na sétima série, passei três anos sem estudar (Gustavo, ex-aluno, grupo focal, 26 anos).

Os jovens que relataram ter tido dificuldades de aprendizagem conceberam simbolicamente suas sucessivas reprovações e desistências como fracassos, a partir dos quais se sentiram desmotivados a continuar os estudos. Em oposição, a conclusão do Ensino Fundamental através do Projovem foi representada como uma etapa transposta ou desafio vencido, evidenciando novamente o lugar que a escolarização ainda ocupa no imaginário juvenil, mesmo entre aqueles com trajetórias escolares irregulares.

[...] o meu tempo já passou muito. Repeti muitas vezes, perdi muito meu tempo. Aí depois que eu repeti duas, quando foi na terceira, aí eu não senti nenhum incentivo de estudar, sabe, foi tanto esforço e só fracasso. Aí quando eu encontrei o PJU, ele me ajudou a voltar a estudar e me interessar mais pelos estudos, porque antes eu estava desinteressado, porque já fiquei cansado, já fracassei muito quando eu estudava em escolas normais. [...] porque se não fosse através dele [PJU] hoje eu ainda estaria aqui, sem estudo e sem nada; porque, o pessoal até me diz, se você não estudar meu amigo,



... você não vai para frente nem pedindo a Deus (Francisco, ex-aluno, grupo focal, 30 anos).

Contudo, as dificuldades vivenciadas pelos próprios interlocutores não são mobilizadas para justificar as escolhas de jovens que desistiram de concluir os estudos através do Projovem. Tendo como referencial de “vencedor” aqueles que persistem em estudar, incluindo eles próprios, os outros são vistos como pessoas com menos valor e que não souberam aproveitar a oportunidade de “ir em frente”, uma vez que o único meio é a conclusão dos estudos.

[...] a maioria daqueles que desistiram foi mais por falta de interesse mesmo. Não tiveram vontade bastante para concluir os estudos, porque o Projovem deu vários incentivos, né, para que a pessoa terminasse. É como se chegasse, o professor responsável pelo PJU chegasse em você e dissesse assim: “vai lá, vai para sala de aula, não falta nenhum dia que você vai ganhar 100 reais e um certificado de um curso de qualificação profissional, só se estiver lá, estudando e tendo interesse próprio toda noite e aí o resto é contigo”. E aí a pessoa não, apesar das várias qualidades que o PJU tinha, várias coisas que já comentou para ela, e ela não chegar até o final é porque essa pessoa foi só por interesse mesmo (Francisco, ex-aluno, grupo focal, 30 anos).

Também evidencia-se nas narrativas o estabelecimento de uma distinção moral entre o “interesse” em “mudar de vida” através da escolarização, dimensão valorizada, e o “interesse” meramente econômico, dimensão desvalorizada. Tem “interesse”, do ponto de vista positivo, aquele que aproveita as oportunidades que são oferecidas, que acredita em si mesmo e na possibilidade de “mudança”.

Nesse sentido, a bolsa aparece recorrentemente como um aspecto relevante no Programa nas narrativas dos jovens que frequentaram o Projovem até sua conclusão, tendo implicitamente a mesma consideração moral percebida nos discursos dos educadores, no sentido de que o que deve ser considerado mais importante são os estudos e não o retorno financeiro imediato.

[...] a coisa boa é porque recebe a bolsa, mas eu não estava lá só por querer a bolsa, eu tava lá porque eu queria terminar meus estudos; porque terminando o ensino fundamental eu já podia fazer o ensino médio, já era mais uma etapa que eu tinha que concluir na minha vida (Francisco, ex-aluno, grupo focal, 30 anos).

Muita gente no começo ficava, aí fulano só vem por causa do dinheiro. Mas não existe isso, se você vier por causa do dinheiro, você nunca vai pra frente. O dinheiro é uma ajuda, mas não é o principal. O principal aqui não é o dinheiro. Na minha opinião, não. Porque eu parei na quinta série e é uma oportunidade que eu tive de terminar os meus estudos e quando eu terminar o Projovem eu vou continuar, vou fazer um supletivo, se Deus quiser (Luisa, ex-aluna, entrevista em profundidade, 23 anos).

De maneira implícita, as pessoas valorizadas nas narrativas são aquelas que investiram e concluíram o curso e tem perspectiva de continuar seus estudos e construir sua autonomia financeira. A possibilidade de ter um trabalho aparece como uma consequência do processo de escolarização e o meio pelo qual é possível conquistar consideração e principalmente, independência.

Meu projeto é tudo isso, eu quero continuar estudando e poder arranjar um emprego pra mim, porque eu tô me esforçando mesmo é por um emprego, quero arranjar um emprego pra mim com carteira assinada, que dê pra me sustentar sem ter que depender de ninguém, pra eu poder dizer que sou dona da minha vida, sou dona do meu nariz, eu faço o que eu quiser. Hoje eu posso dizer, porque falar você fala o que quer, né? Mas ser eu sei que eu não sou (Marília, ex-aluna, entrevista em profundidade, 28 anos).

Os projetos de futuro dos jovens interlocutores, alunos que concluíram o Projovem Urbano, centram-se na continuidade do percurso escolar, seja através da Educação de Jovens e Adultos – EJA ou do Ensino Médio regular, visando seja a inserção no mundo do trabalho ou uma melhor colocação neste.

### **Considerações Finais**

Nesta perspectiva, nas narrativas dos jovens a categoria êmica “mudança de vida” pode ser entendida como uma mudança de condição, considerando dimensões simbólicas, culturais e materiais. A categoria nativa “interesse” é mobilizada como pré-condição dessa mudança. Nesse sentido, a escolarização e o trabalho são os meios pelos quais é possível “mudar de vida”, desde que haja “interesse” por parte do jovem.

Podemos inferir que ao usarem o termo “interesse”, os jovens interlocutores da pesquisa se referem à vontade de “seguir em frente” e melhorar suas condições de vida, seja do ponto de vista material representado pela independência financeira, seja do ponto de vista simbólico, pelo que significa ser reconhecido como um indivíduo autônomo. Com isso querem dizer que atribuem valores positivos à busca por independência e autonomia.

É possível construir um diálogo com a noção Bourdieusiana de “interesse”, sendo este “estar em, participar, admitir, portanto, que o jogo merece ser jogado e que os alvos engendrados no e pelo fato de jogar merecem ser perseguidos; é reconhecer o jogo e reconhecer os alvos” (BOURDIEU, 2011, p. 139). Só se tem interesse porque se acredita no jogo e nas retribuições que ele pode trazer. O jogo não é questionado, é um a

priori. Bourdieu afirma que a categoria interesse pode ser substituída por *illusio*, no sentido de “estar preso ao jogo, preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale a pena ou, para dizê-lo de maneira mais simples, que vale a pena jogar” (2011, p. 139).

Nesse sentido, os jovens utilizam o termo “interesse”, mas só o fazem por terem um conjunto de outros elementos como pressupostos nos quais estão implícitos a crença no jogo que compõe o mercado escolar. O desinteresse inicial pelos estudos, não representa a indiferença ao jogo, mas o reconhecimento deste, pois é em relação ao jogo que a fala se situa.

Desta forma, os princípios de classificação implícitos nas oposições do “fracassado”, como aquele que não consegue progredir na escola e do “vencedor”, como o indivíduo que conclui seus estudos e “segue em frente”, fazem parte do jogo. O mundo é concebido como um lugar no qual há “espaço” para todos, desde que estes saibam aproveitar as oportunidades que são oferecidas. A concepção de pessoa movimentada nas narrativas refere-se a alguém que precisa ter interesse em estudar, em crescer, em mudar de vida, estando implícita a desvalorização de alguns modos de vida e condutas juvenis, sendo considerados como “perca de tempo”. Assim, os jovens que querem mudar a si próprios e suas vidas, seriam aqueles que permanecem no Programa até sua conclusão.

Essa crença é reforçada pelo Projovem Urbano ao propor que somente através da escolarização ofertada pelo Programa, os jovens poderão melhorar suas vidas, sendo o Programa representado por muitos jovens e profissionais como a última chance desses alunos “vencerem na vida”.

### **Referências Bibliográficas**

ABAD, Miguel. Crítica Política das Políticas de Juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (Orgs.) **Políticas Públicas: Juventude em pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas – Sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2011.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. A invisibilidade da juventude na vida escolar. In: **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 325-343, jul./dez. 2004.

CASTRO, Elisa Guaraná. O campo das políticas públicas de juventude e o campo da juventude: contribuições para a reflexão. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; FREITAS, Maria Virgínia. **Juventude em Pauta: políticas públicas no Brasil**. São Paulo: Petrópolis/ Ação Educativa/ Friedrich Ebert Stiftung, 2011.

DUBET, François. A formação dos indivíduos: A desinstitucionalização. In: **Revista Contemporaneidade e Educação**, ano 3, vol.3, 1998, p.27-33.

MARTINS, José de Sousa. **A sociedade vista do abismo – Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2008.

MISSE, Michel. **Sobre a construção social do crime no Brasil – Esboços de uma interpretação**. Rio de Janeiro: s/d. Acesso em: 24/06/2012. Disponível em: <http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/images/8sobreaconstruaosocialdocrime.pdf>

NOVAES, Regina Célia R. Entre juventudes, governos e sociedade (e nada será como antes...). In: PAPA, Fernanda de Carvalho; FREITAS, Maria Virgínia. **Juventude em Pauta: políticas públicas no Brasil**. São Paulo: Petrópolis/ Ação Educativa/ Friedrich Ebert Stiftung, 2011.

\_\_\_\_\_. Trajetórias juvenis: desigualdades sociais frente aos dilemas de uma geração. In: FÉRES, Maria José Vieira et al. **Textos Complementares para Formação de Gestores**. Brasília: Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem Urbano, 2008.

SALGADO, Maria Umbelina Caiafa (Org.). **Projeto Pedagógico Integrado do Projovem Urbano**. Brasília, 2008. Acessado em 09/08/2010. Disponível em: [www.secj.pr.gov.br/.../Projovem%20Urbano/projeto\\_pedagogico\\_projovem\\_PPI.pdf](http://www.secj.pr.gov.br/.../Projovem%20Urbano/projeto_pedagogico_projovem_PPI.pdf)

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo M. (Orgs). **Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Prol Editora Gráfica, 2005.